

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC - SP
Faculdade de Filosofia, Ciência, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Georgia Reginato

Empatia e ética: avaliatividade no conto *Negrinha*

Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo

2019

Georgia Reginato

Empatia e ética: avaliatividade no conto *Negrinha*

Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em atenção ao requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Professora Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2019

Banca Examinadora

*Com o desejo de lhe
proporcionar uma breve
alegria, dedico esta dissertação
à Sônia Maria Alvarez, quem
primeiro inspirou-me a fazer
este mestrado.*

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq) pelo processo de número 133981/2017-7

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq) – by the process number 133981/2017-7

AGRADECIMENTOS

À Professora Sumiko, minha orientadora, porque tornou possível o meu desejo de fazer mestrado.

Aos funcionários, em especial, à Maria Lúcia pelo carinho e pelo trabalho dedicado.

Aos professores do curso, por todo o conhecimento que compartilharam em sala de aula e aos professores da banca pela atenção.

Aos colegas de classe, especialmente à Nanci, pela amizade e pelo conhecimento compartilhado.

Ao meu marido, pelo amor, companheirismo e por sempre ter me incentivado a fazer mestrado.

Aos meus pais e familiares pelo amor incondicional, pela formação e pelos valores transmitidos que foram fundamentais durante todo esse processo.

“A figura de Monteiro Lobato há de guardá-la não apenas a história literária do Brasil, mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira: aquela história que às vezes é escrita com sangue.”

(Gilberto Freire)

RESUMO

A maioria das narrativas escritas que os alunos encontram nos programas de leitura das escolas tem um tipo especial de instrucionalidade que é obrigatória sem ser abertamente moralizante. Assim, recursos linguísticos para a construção de emoção e de ética são dispostos de maneira específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto. Nesse sentido, a narrativa ensina por meio de dois tipos de subjetividade - intersubjetividade (a capacidade de “sentir com” um personagem) e a supersubjetividade (a capacidade de “supervisionar” um personagem e avaliar eticamente suas ações). O objetivo desta dissertação de mestrado é a análise crítica do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, para mostrar, por meio de *Negrinha*, como as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor para a construção de emoção e de ética denunciam os horrores que os brancos impuseram aos negros, mesmo no período pós-escravidão. Para tanto, contribui nessa análise a presença da avaliatividade - em sua manifestação explícita, bem como implícita - que percorre o texto via metarrelações, revelando a triste situação que já viveu nosso país. Assim, a pesquisa recorre à proposta teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que envolve a teoria da avaliatividade; bem como à linguística crítica, devendo responder às seguintes perguntas: (a) Que escolhas lexicogramaticais mostram a realidade cruel da escravidão negra revelada na relação entre *Negrinha* e D. Inácia? (b) Como é feita a construção de emoção e de ética por meio da avaliatividade via metarrelações? A análise crítica das escolhas léxico-gramaticais feitas por Lobato em *Negrinha* ajuda a denunciar - do ponto de vista da ética - os horrores do sofrimento imposto ao negro e, por outro lado, suscita - do ponto de vista da emoção - o sentimento de empatia suscitada pela consciência da injustiça cometida aos nossos irmãos africanos.

Palavras-chave: O conto *Negrinha*. Instrucionalidade da narrativa. Linguística Sistêmico-Funcional. Avaliatividade. Linguística Crítica.

ABSTRACT

Most of the written narratives that students find in school reading programs have a special kind of instructionality that is mandatory without being overtly moralizing. Thus, linguistic resources for the construction of emotion and ethics are specifically arranged to co-create complexes of higher-order meanings, or metarrelations, which position readers to adopt specific attitudes towards the characters in the course of a text. In this sense, narrative teaches through two types of subjectivity - intersubjectivity (the ability to "feel with" a character) and supersubjectivity (the ability to "supervise" a character and ethically evaluate his actions). The objective of this dissertation is the critical analysis of *Negrinha*, by Monteiro Lobato, to show, through *Negrinha*, how lexicographic choices made by the author for the construction of emotion and ethics denounce the horrors that whites imposed on blacks, even in the post-slavery period. In order to do so, it contributes in this analysis to the presence of appraisal - in its explicit and implicit manifestation - that goes through the text via meta-relations, revealing the sad situation that our country has already experienced. Thus, the research appeals to the theoretical-methodological proposal of Systemic-Functional Linguistics (LSF), which involves the theory of appraisal; as well as to critical linguistics, and should answer the following questions: (a) Which lexicographic choices show the cruel reality of black slavery revealed in the relationship between *Negrinha* and D. Inácia? (b) How is the construction of emotion and ethics done through appraisal via metarrelations? The critical analysis of Lexico-grammatical choices made by Lobato in *Negrinha* helps to denounce - from the point of view of ethics - the horrors of suffering imposed on the black and, on the other hand, arouses - from the point of view of emotion - the feeling of empathy raised by the conscience of the injustice committed to our African brothers.

Keywords: The tale *Negrinha*. Instructional narrative. Systemic-Functional Linguistics. Appraisal; Critical Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação processos/participantes/circunstâncias.....	12
Quadro 2 – Metafunção Interpessoal.....	13
Quadro 3 – Modalidade (Entre o SIM e o NÃO).....	14
Quadro 4 – Exemplos de avaliatividade	15
Quadro 5 – Recursos de Avaliatividade (APPRAISAL)	16
Quadro 6 – As metarrelações.....	18
Quadro 7 – As teorias	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Sobre Monteiro Lobato	4
Monteiro Lobato e o Pré-Modernismo	5
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1 Linguística Sistêmico-Funcional	7
1.1.1 <i>Linguística Crítica</i>	9
1.2 Metafunção Ideacional	11
1.3 Metafunção Interpessoal	13
1.4 Avaliatividade	14
1.5 Avaliatividade Evocada e Avaliatividade Inscrita	17
1.6 Fazendo uma leitura relacional	19
1.7 Ironia.....	20
1.8 Trabalho de face: Polidez	21
1.9 Inferência	23
2 METODOLOGIA	25
2.1 Dados	25
2.2 Procedimentos de Análise.....	26
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
3.1 Análise de Registro	29
3.2 Análise do conto Negrinha	30
3.2.1 <i>Início da narrativa</i>	30
3.2.2 <i>Chegada das sobrinhas de dona Inácia</i>	40
3.2.3 <i>Partidas das sobrinhas de dona Inácia</i>	47
3.3 Discussão geral da análise.....	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXO 1.....	62

INTRODUÇÃO

A maioria das narrativas escritas que os alunos encontram nos programas de leitura das escolas tem, de acordo com Macken-Horarik (2003), um tipo especial de instrucionalidade que é obrigatória sem ser abertamente moralizante. A autora examina os processos que norteiam os leitores na absorção dos valores éticos que um texto traz, embora não os nomeie.

Nessa perspectiva, o trabalho de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 1981, 1986) proporcionou aos teóricos literários e linguistas a consciência da característica profundamente “endereçadora” dos chamados textos monológicos. Assim, os textos escritos estabelecem, por meio de significados textuais, um diálogo virtual com os leitores, diálogo este incorporado no texto e com o qual os leitores se relacionam conforme processam o texto.

O trabalho, como uma resposta em diálogo, é orientado para uma resposta do outro (outros), para uma compreensão responsiva ativa, que pode assumir várias formas: influência educacional de leitores, persuasão do tema, respostas críticas, influência sobre seguidores e sucessores etc,¹ (BAKHTIN, 1986, p. 76, tradução nossa).

Macken-Horarik tenta mostrar como os recursos linguísticos para a construção de emoção e de ética são dispostos de maneira específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto. Em termos linguísticos, seu estudo apoia-se na pesquisa da semântica avaliativa feita na linguística sistêmico-funcional (LSF), chamada avaliatividade (tradução de *appraisal*). Também se liga aos trabalhos dos sistemicistas Jay Lemke

¹ The work, like the rejoinder in dialogue, is oriented towards the response of the other (others), towards his [sic] active responsive understanding, which can assume different forms: educational influence of the readers, persuasion of theme, critical responses, influence on followers and successors, and so on (BAKHTIN, 1986, p.76).

(1989, 1992, 1998) e Paul Thibault (1989, 1991), que enriquecem as perspectivas linguísticas do significado interpessoal. Lemke ampliou o termo axiologia, de Bakhtin, para capturar a complexa orientação de valores de textos e práticas textuais.

Segundo Lemke (1989), os textos constroem modelos hipotéticos de seus destinatários e do mundo discursivo de vozes competidoras, no qual serão lidos. Eles se posicionam em relação a interlocutores reais e possíveis e em relação ao que eles mesmos e os outros possam dizer. Essa visão fundamentalmente dialógica do texto foi introduzida por Bakhtin juntamente com a noção de heteroglossia: de que todas as vozes sociais divergentes (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade formam um sistema intertextual, no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Bakhtin mostrou que as relações que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológicas (orientadas a valores).

Na pesquisa de Macken-Horarik, há dois aspectos da axiologia textual relevantes a uma explicação do destinatário da narrativa. Primeiro, o leitor é convidado a uma posição de empatia - solidariedade emocional com, ou, ao menos, compreensão das motivações de um dado personagem. Segundo, espera-se que o leitor assuma uma postura de percepção-julgamento dos valores éticos adotados por um determinado personagem. A autora sugere que a narrativa ensina por meio de dois tipos de subjetividade - intersubjetividade (a capacidade de “sentir com” um personagem) e a supersubjetividade (a capacidade de “supervisionar” um personagem e avaliar eticamente suas ações).

Para fins de análise, ela considera que a estrutura de um texto sugere uma leitura ideal, um posicionamento a partir do qual personagens e acontecimentos tornam-se inteligíveis; valores, partilháveis; e a narrativa, em si, coerente. Como o narrador implícito, identificado por Booth (1961), e o leitor-modelo, descrito por Eco (1994), o leitor ideal não pode ser identificado com qualquer das vozes individuais articuladas no texto ou com os caprichos de leitores reais ao interagir com o texto. Conforme nos lembra Chatman (1978), o leitor ideal é uma posição e não uma função. É uma posição idealizada projetada pelo próprio texto, que estabelece os termos da interação com o leitor, e torna certas posições de sujeitos mais ou menos prováveis ou preferidas (MORLEY, 1980; KRESS, 1988; CRANNY-FRANCIS, 1990 apud MACKEN-HORARIK, 2003). O leitor ideal é uma ficção útil, “garantindo a

consistência de uma leitura específica sem garantir sua validade em nenhum sentido absoluto” (SULEIMAN; CROSMAN, 1980, p. 11).

Da minha parte, ao entrar em contato com a proposta de Macken-Horarik, vi a possibilidade - que vinha acalentando há algum tempo - de analisar, nos termos da autora, o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, pungente narrativa que tem como tema o preconceito racial, trazendo de volta a nódoa da escravidão negra na história do Brasil. Nesse conto, Lobato traz o drama pós-escravidão nas casas grandes do período colonial brasileiro, em uma narrativa comovente, sensível e contundente, que dá destaque ao conto na literatura brasileira.

O objetivo desta dissertação de mestrado é a análise crítica do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, para mostrar, por meio de *Negrinha*, como as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor para a construção de emoção e de ética denunciam os horrores que os brancos impuseram aos negros, mesmo no período pós-escravidão.

Para tanto recorre à proposta teórico-metodológico da linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994, HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), que envolve em seu bojo a teoria da avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003), bem como a linguística crítica (FOWLER, 1991) e responde às seguintes perguntas: (a) Que escolhas lexicogramaticais mostram a realidade cruel da escravidão negra revelada na relação entre *Negrinha* e D. Inácia? (b) Como é feita a construção de emoção e de ética por meio da avaliatividade via metarrelações?

Além desta Introdução, esta dissertação de mestrado abrange os seguintes itens: (a) Fundamentação Teórica, incluindo a linguística sistêmico-funcional (LSF), em que de suas três metafunções abordo a Ideacional e a Interpessoal (deixando de lado a textual); a avaliatividade, pertencente à metafunção Interpessoal e as contribuições que tem recebido; a linguística crítica, que também tem o apoio da LSF. (b) Metodologia, incluindo os Dados e os Procedimentos de Análise. (c) Análise e Discussão dos Resultados, de “*Negrinha*”. (d) Considerações Finais, seguidas pelas Referências Bibliográficas.

A presente dissertação de mestrado insere-se no projeto de pesquisa “Recursos para a realização da persuasão por meio da avaliação implícita”, inserido no grupo de pesquisa ACLISF (Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional), coordenados pela professora dra. Ikeda. A seguir cito alguns dos trabalhos feitos pelo grupo, que influenciaram a escolha do tema desta dissertação: SANTOS (2017)

Diálogos entre D. Quixote e Sancho Pança: uma abordagem Sistêmico-Funcional; MONTEFUSCO (2015) *A Crítica Social em “Capitães da Areia”*: Um Enfoque Da Gramática Sistêmico-Funcional; MONTINEGRO (2018) *A “Missa de Galo”, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da LSF*; VALLEZI (2014) *A ameaça em “O Ateneu” Análise da avaliatividade sob o enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional*; BRASIL (2012) *A discriminação em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, à luz da avaliatividade: Uma perspectiva sistêmico-funcional*. Esses trabalhos têm como meta o exame da natural relação entre a linguística e a literatura e mostram como esse liame pode ampliar a percepção do leitor para mensagens por vezes subjacentes ao texto e, ao mesmo tempo, mostrar-lhe a riqueza das criações da literatura brasileira.

Antes de iniciar o capítulo da Fundamentação Teórica, apresento, a seguir, alguns dados sobre o autor de *Negrinha*, bem como dados referentes ao período literário a que pertence à obra de Monteiro Lobato.

Sobre Monteiro Lobato

Monteiro Lobato (1882-1948) popularmente conhecido por ser o precursor da literatura infantil brasileira participou ativamente da vida cultural do país e também produziu uma extensa obra de contos, crônicas, ensaios e livros para o público adulto.

O fato de ter nascido em Taubaté e ter trabalhado e vivido no Vale do Paraíba paulista, após graduar-se em Direito pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, é o que, provavelmente, o inspirou a produzir suas obras regionalistas. Ele defendia a função social da literatura e assim, dotado de um nacionalismo lúcido e objetivo, ele conseguiu nos dar a dimensão exata do Vale do Paraíba paulista do início do século XX, com sua decadência pós-ciclo do café, pós-escravidão, bem como seus costumes e sua gente. Lajolo (2000) afirma que ele utilizava um estilo de escrita simples, porém sempre ornamentado com uma ironia fina, seu maior instrumento de crítica social.

Além da popularidade adquirida com suas produções literárias, o escritor também ficou muito conhecido pela sua inquietude e seu empreendedorismo, Bosi (1994) acredita que ele transcende o papel de contista e diz que ele foi, antes de

tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente, Lobato foi fundador da primeira editora nacional, do sindicato do ferro e da Companhia Petróleos do Brasil. Ele criticava, duramente, a política de exploração mineral do governo de Getúlio Vargas e isso lhe valeu seis meses de detenção e exílio na Argentina. Um intelectual atuante que buscava caminhos para a construção de um futuro melhor, através da compreensão do seu país e dos debates das suas injustiças, conforme observa Lajolo (2000).

Curioso constatar, a partir de um episódio de sua infância, registrado por Cavalheiro (1956), que esta inquietude de Lobato manifesta-se desde muito cedo e antes dos 10 anos de idade tomou sua primeira séria resolução: mudou seu próprio nome, José Renato Monteiro Lobato passou a chamar-se José Bento Monteiro Lobato, tudo por causa de uma bengala que pertencia ao seu pai e apresentava as seguintes iniciais gravadas J.B.M.L. dessa maneira, a mudança de nome contribuiu para não comprometer seus planos infantis de um dia herdar e usar, satisfatoriamente, a bengala que tanto o encantava.

No entanto, sua inquietação não resistiu às intempéries da vida e aos 66 anos, desacreditado do governo e atormentado por problemas pessoais, Monteiro Lobato morre no dia 4 de julho de 1948 em São Paulo, vitimado por um derrame. Porém, sua obra permanece viva no imaginário dos seus pequenos leitores e no retrato construído de um Brasil verdadeiro do início do século XX. Uma figura humana que vive na história brasileira onde já assumiu um papel simbólico, sumariza Bosi (1994).

Monteiro Lobato e o Pré-Modernismo

Monteiro Lobato é considerado um dos principais porta-vozes do Pré-Modernismo, porém muitos críticos não conceituam este período como uma escola literária, pois o movimento representa, na realidade, uma transição entre o realismo-Naturalismo e Simbolismo para o Modernismo e, justamente, por se tratar de um período de transição conserva estéticas do período anterior e antecipa outras que serão exploradas no Modernismo e por isso também é marcado por polaridades múltiplas como a de ricos e pobres, inovadores e conservadores nacionalistas e “estrangeiristas”.

Neste período, uma das características dos escritores consistia no compromisso com a realidade, por meio de uma literatura engajada que tinha a intenção de retratar um Brasil verdadeiro, sem a idealização dos autores do Romantismo. As obras da época concentram-se na apresentação de problemas sociais e culturais de diversas regiões do Brasil, com enfoque nas classes sociais menos favorecidas, estabelecendo contato com diferentes regiões do país, os centros urbanos, os sertanejos, os imigrantes, os caboclos. As grandes mudanças sociais, políticas e econômicas não possibilitavam mais a idealização em um país com dimensões continentais como o Brasil.

A crítica literária, Beatriz Resende, em seu texto de abertura no livro *Contos Completos* (2014) de Monteiro Lobato, afirma que Lobato “atravessa os tempos como expressão da situação dicotômica entre a inovação e o conservadorismo que continua constituindo o nosso país. Indispensável ler os seus contos para compreender o nosso país e conhecer a verdadeira história do Modernismo no Brasil”.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta as teorias que apoiam a análise do conto *Negrinha*: Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) que acolhe em sua metafunção interpessoal a noção de avaliatividade, tradução de *appraisal* (MARTIN, 2000, 2003), que expressa o posicionamento do autor em relação à sua mensagem, bem como em relação ao interlocutor, em termos de sentimentos emocionais, julgamentos éticos e apreciação estética de vários fenômenos de sua experiência. A avaliatividade complementou a modalidade (HALLIDAY, 1994), que trata de trocas de dar e de pedir informação e bens e serviços, “deixando de lado, a semântica da avaliação”, segundo Martin (1992, p. 553-559). Os systemicistas notaram que as realizações de significados interpessoais tendem a ser mais “prosódicas”, isto é, espalham-se através do texto. Essa questão é detalhada pela noção de “metarrelações”, por Macken-Horarik (2003).

1.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) vê a língua como um sistema de significados realizados por meio de funções realizadas no rico recurso de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente. Assim, a língua é entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (HALLIDAY, 1994, p. xiv) pela LSF, uma gramática do significado.

As funções da gramática, de acordo com Halliday, abrangem três sistemas de metafunções inter-relacionados: o *ideacional*, o *interpessoal* e o *textual*². Essas metafunções referem-se, respectivamente, à incorporação de tipos de experiência; percepção e consciência na língua; à expressão das interações; e à estruturação e apresentação da informação.

Para Halliday (1994), o uso é a marca fundamental de caracterização de uma língua. Os usos da língua são determinados pelas necessidades do ser humano em

² Esta metafunção não fará parte da análise.

razão da sua vivência em comunidade. Dessa forma, a gramática é modelada pelo modo como vivemos nossas vidas e interagimos com os outros, como refletimos e recriamos o sentido da nossa existência. A propósito, o uso da língua remete à consideração do contexto em que é usada.

Assim, a LSF explica o modo como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia a dia. Por isso, a análise linguística das interações sociais (textos orais ou escritos), leva em conta o contexto cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é (EGGINS, 1994).

Nesse contexto, os systemicistas mostram-nos que, ao fazermos uma análise de cunho funcional, não basta enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto. Que feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas apontam dois conceitos: *registro* e *gênero*, além do contexto ideológico. O registro descreve a influência das dimensões do contexto situacional imediato sobre a língua. Tais dimensões são três: campo (assunto), relações (status dos interactantes) e modo (organização do texto), orientados respectivamente pelas três metafunções: ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY, 1994). O gênero descreve a influência das dimensões do contexto cultural sobre a língua.

A ideologia ocupa um nível superior de contexto, questão também abordada pelos systemicistas. O contexto ideológico refere-se a relações de poder, vieses políticos e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, concepção defendida pela linguística crítica (FOWLER, 1991). Fairclough³, entretanto, acredita que esse conceito deve ser repensado, uma vez que os 'consumidores' de textos (leitores e telespectadores), de acordo com a sociologia da mídia, parecem às vezes bastante imunes aos efeitos das ideologias que estão supostamente 'nos' textos.

Por outro lado, a LSF propõe o termo "logogênese" que serve para identificar essa construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Thompson (1998)

³ Fairclough (1992) prefere a concepção que localiza a ideologia tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso, que constituem o resultado de eventos passados) quanto nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos, quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras.

denomina de "ressonância" a essa harmonia de significados que é o produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente.

Segundo Li (2010), a LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das relações de poder no texto bem como das motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto. Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macro nível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados no texto. Assim, com o apoio do enquadre da LSF, Li examina as propriedades textuais no texto nos níveis da oração e da frase para explicar os significados sociais e ideológicos envolvidos em determinadas escolhas linguísticas e retóricas. Na presente análise, focalizo duas dimensões da gramática da oração: a transitividade (da metafunção ideacional) e a avaliatividade (da metafunção interpessoal), no enquadre de Halliday (1994).

Finalmente, a visão funcional da LSF das escolhas linguísticas como índices de significados cruza com a análise do discurso crítica: ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos. A LSF é a teoria que apoia a linguística crítica (Fowler, 1991), que apresento a seguir.

1.1.1 Linguística Crítica

A análise crítica do discurso (ACD) é, segundo Fairclough (1989), uma orientação no estudo da língua que associa a análise do texto linguístico a uma teoria social do funcionamento da língua. A abordagem crítica inclui a "linguística crítica" de Fowler et al (1979a, 1991), o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992a, 1992b), a abordagem da análise do discurso desenvolvida por Pêcheux (1982), estudos culturais desenvolvidos mais recentemente (SCANNELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero (CAMERON, 1985, CALDAS-COUTHARD; COUTHARD, 1996, entre outros).

A linguística crítica é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS; HODGE, 1979). Eles tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada a Michael Halliday (1994) e conhecida como linguística sistêmico-funcional.

Mais tarde, os linguistas críticos fizeram sua própria crítica do trabalho anterior (KRESS, 1988; FOWLER, 1979), e alguns membros do grupo envolveram-se muito com o desenvolvimento de uma abordagem um pouco diferente (HODGE E KRESS, 1988; KRESS; THREADGOLD, 1988), que denominam “semiótica social”. Essa abordagem, em oposição à linguística crítica, preocupou-se com uma variedade de sistemas semióticos, como a linguagem, e com a inter-relação entre linguagem e semiose visual.

A posição padrão dos estudiosos da mídia considera o jornal como sendo um construto que deve ser entendido em termos sociais e semióticos. Todos reconhecem a importância da língua nesse processo de construção, mas na prática, segundo Fowler (1991), a língua recebe um tratamento relativamente pequeno. Por isso, é seu objetivo dar à língua a devida importância, não somente como um instrumento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação.

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, assim, diferenças de representação. Para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como linguística crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto socio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como

“natural”. Não é um procedimento, alerta Fowler, que automaticamente produza uma interpretação objetiva.

1.2 Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser, por meio do sistema da transitividade; a metafunção Interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se, segundo Halliday, a dar/pedir informação ou bens & serviços; a metafunção textual organiza os significados Ideacionais e Interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração. (Esta metafunção não será tratada na análise.)

A língua pode manipular esses três tipos de significados simultaneamente, porque possui um nível intermediário de codificação: a *léxicogramática*, e eles entram no texto por meio das orações mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Importante, também, para a LSF é a noção de escolhas. Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso.

A propósito, Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração tenham potencialmente três componentes: o próprio processo, expresso pelo grupo verbal da oração; os participantes envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as circunstâncias associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais.

O Quadro 1 mostra o sistema da transitividade, da metafunção ideacional, que representa os eventos das orações, envolvendo: processos, participantes e circunstâncias.

Os processos, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser, classificam-se em: material, mental e relacional, os três tipos principais no sistema da transitividade, referindo-se respectivamente a: ações ou eventos do mundo externo; a experiência interna da consciência; e os processos que classificam e identificam, respectivamente. Nos limites entre esses eles estão,

segundo Halliday, os processos: comportamental (manifestações de atividades internas); verbal (processos de dizer) e existencial (processos relacionados à existência).

Quadro 1– Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processos	Participantes (sublinhados)	Circunstâncias
MATERIAL	<u>A mulher</u> DOAVA ⁴ <u>bens</u> <u>ao padre</u> Ator Meta Beneficiário <u>Ela</u> CAMINHOU <u>pelo sala.</u> Ator Extensão	vez ou outra.
COMPORTAMENTAL	<u>Negrinha</u> GEMIA <u>de agonia</u> Comportante Comportamento	enquanto seguia.
MENTAL	<u>Ela</u> PENSAVA <u>na boneca.</u> Experienciador Fenômeno	
EXISTENCIAL	<u>A ameaça</u> se FAZIA PRESENTE. Existente	
RELACIONAL	<u>Ela</u> ERA <u>um escrava.</u> (a) Atributivo: Portador Atributo	
	<u>A escrava</u> ERA <u>ela</u> Identificativo: Identificado Identificador	
VERBAL	<u>O escritor</u> RELATOU- <u>nos</u> <u>todos os fatos.</u> Dizente Receptor Verbiagem	

Fonte: Halliday (1994)

Passo a apresentar a metafunção interpessoal, que se refere às relações entre pessoas expressas na linguagem.

⁴ Processo indicado em maiúsculas.

1.3 Metafunção Interpessoal

A oração, além de informar (metafunção ideacional), está organizada como um evento interativo (metafunção interpessoal), envolvendo falante (ou escritor) e audiência (ou leitor). Os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois, para Halliday (1994): dar e pedir, que se relacionam com a natureza do produto permutado: proposta (para bens e serviços) e (b) proposição (para informação).

A metafunção interpessoal abrange os sistemas gramaticais de: *mood* (sujeito e finito) e resíduo. O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e também o tempo primário e a modalidade (conforme Quadro 2).

Quadro 2 - Metafunção Interpessoal

<i>MOOD</i>		RESÍDUO
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa (<i>modalidade</i>)	estudar a lição
(b) João	-va ⁵ (<i>tempo primário</i>)	estuda- a lição

Fonte: Halliday (1994)

A modalidade expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem, bem como sobre o interlocutor. Para o caso de proposição, a modalidade abrange a modalização, envolvendo probabilidade e frequência; para o caso de proposta, a modalidade abrange a modulação, envolvendo obrigação e desejabilidade, conforme mostra o Quadro 3.

⁵ -va, sufixo do pretérito imperfeito do Indicativo.

Quadro 3 – Modalidade (Entre o SIM e o NÃO)

Produto	MODALIDADE	
Proposição → (Informação)	Modalização	Probabilidade (epistêmica): talvez
		Frequência: geralmente, sempre
Proposta → (Bens & Serviços)	Modulação	Obrigação (deôntica): deve, precisa
		<u>Desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

Halliday (1994) menciona também os epítetos atitudinais (que foram, posteriormente, estudados por Martin (2000) com o nome de *appraisal* (traduzido por avaliatividade), que será apresentada a seguir.

1.4 Avaliatividade

Segundo Martin (2000), a tradição-baseada-na-gramática da LSF tem focalizado o diálogo como uma troca de bens & serviços ou de informação apenas. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF, de acordo com o autor, foi a semântica da avaliação, que envolve, nessa troca, elementos que mostrem os sentimentos dos interlocutores, os julgamentos éticos que fazem e a apreciação estética de vários fenômenos de sua experiência.

Quadro 4 – Exemplos de Avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
JULGAMENTO – ético (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIÇÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

Nos exemplos do Quadro 4, segundo Martin, é evidente que diálogos como esse são mais que uma simples troca de bens & serviços ou de informação. Assim, juntamente com modelos “baseados-na-gramática”, diz o autor, precisamos elaborar sistemas lexicalmente orientados que tratem também desses elementos.

Nesse contexto, Martin (2000) e seus colaboradores desenvolveram um sistema reticular de descrições de opções semânticas para avaliar pessoas, coisas e fenômenos, e adotaram o termo *appraisal* (doravante: avaliatividade). O grupo estava interessado na função social desses recursos, não simplesmente para expressar sentimentos, mas, em termos de sua habilidade em construir comunidades, para alinhar pessoas na negociação em curso, na vida em comunidade.

A avaliatividade é, na essência, é um enquadre localizado na LSF, que mapeia os recursos usados para avaliar a experiência social (MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE, 2005; WHITE, 2003). Esses recursos podem se realizar por meio de várias estruturas gramaticais e lexicais. A análise da avaliatividade é um modo de capturar de maneira compreensiva e sistemática os padrões avaliativos globais que

ocorrem num texto, conjunto de textos ou discursos institucionais. O sistema da avaliatividade é constituída dos subsistemas, a seguir.

O subsistema da ATITUDE (envolve: afeto, julgamento, apreciação e avaliação social):

O afeto envolve um conjunto de recursos linguísticos para avaliar a experiência em termos afetivos, para indicar efeito emocional positivo ou negativo de um evento.

O julgamento envolve significados que servem para avaliar eticamente o comportamento humano com referência a normas que regem como as pessoas devem ou não agir.

A apreciação constrói a qualidade estética dos processos semióticos do texto, e fenômenos naturais.

A avaliação social – refere-se à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

O subsistema da GRADUAÇÃO envolve um conjunto de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação.

O subsistema do ENGAJAMENTO é um conjunto de recursos que capacita o escritor (ou o falante) a tomar uma posição pela qual sua audiência é construída como partilhando a mesma e única visão de mundo (monoglossia) ou, por outro lado, a adotar uma posição que explicitamente reconhece a diversidade entre várias vozes (heteroglossia).

O Quadro 5 resume o sistema da avaliatividade:

Quadro 5 - Recursos de Avaliatividade (APPRAISAL)

AVALIATIVIDADE	COMPROMISSO	Monoglossia [avaliação sem negociação] Heteroglossia [avaliação com negociação]		
	ATITUDE	Afeto Julgamento Apreciação (inclui: a Avaliação Social)		
	GRADUAÇÃO	Força	aumenta [<i>completamente devastado</i>] diminui [<i>um pouco chateado</i>]	
		Foco	aguça [<i>um policial de verdade</i>] suaviza [<i>cerca de quatro pessoas</i>]	

Fonte: MARTIN (2000)

Continuando, diz Martin que, quando a avaliação é realizada explicitamente, é fácil analisar uma atitude sobre um evento como positiva ou negativa. Mas, há casos em que a avaliação não é realizada de maneira explícita como em: *Maria confrontou a autoridade*. Diz ele que, em casos como esse, a decisão pela avaliatividade de afeto - se positiva, se negativa - depende da posição de leitura.

Este fato levou Martin a postular uma distinção importante entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita). Nesse sentido, o autor propõe a noção de *token* de atitude para denominar o modo pelo qual o significado Ideacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, Interpessoais. A propósito, Martin (2003, p.173) diz: “o apego a categorias explícitas significa que uma grande quantidade de atitude implícita pelos textos será perdida”.

O exame da avaliação contida no texto - que em última instância tem a função de levar à persuasão – pode conscientizar o leitor de que textos tratados como monológicos, como é o caso do texto escrito, são na verdade profundamente “endereçadores” (BAKHTIN, 1981), e portam conteúdo de certos valores éticos, para engajar os leitores no processo da leitura.

Como Martin (1992, p. 553-559) e outros notaram, as realizações de significados interpessoais tendem a ser mais prosódicas, espalhando-se através da oração ou da oração complexa. Ficará claro também que, em longos textos, as avaliações de proposições e propostas não são independentes da avaliação de seus participantes, processos e circunstâncias.

A propósito, Lemke (1998) chama de realização prosódica o significado atitudinal que se estende pelo texto e sugere que esses significados avaliativos tenham um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva. Esses pontos serão retomados na noção de metarrelação.

1.5 Avaliatividade Evocada e Avaliatividade Inscrita

Os leitores são, também, sensíveis a síndromes ou complexos de significado atitudinal e aos modos como confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras em outros locais do texto. Essas configurações de escolhas avaliativas relevantes criam o que Thompson (1998) denomina ressonância (ou prosódia, por

Lemke, 1998) – uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, consideradas isoladamente.

Como veremos na análise da avaliatividade, as expressões de atitude (afeto, julgamento, apreciação e avaliação social) evocadas e inscritas entram numa espécie de dança por meio do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. A esse respeito – embora algumas partes do texto possam ser mais ou menos interpessoalmente salientes do que outras – é preciso ver todo o texto como aberto para e criativo de avaliação, seja ela implícita ou explícita. Embora seja muito difícil desenvolver uma metalinguagem para o que David Butt chama de padrões latentes do significado textual (BUTT, 1988, 1991), o fato é importante se quisermos desenvolver um modelo textual adequado que leve em conta o posicionamento do leitor.

A percepção ética é o resultado de um conjunto de relações semânticas (ou metarrelações) com as que cocriam empatia. No caso de julgamento do correto ou do errado de um comportamento, vemos que as avaliações externas são cruciais. avaliações externas estabelecem um centro alternativo de avaliação.

Quadro 6 – As metarrelações

Metarrelação	Significado semântico
CONFIRMAÇÃO	Fase que cria equivalência com referência a fases anteriores por meio de escolhas semelhantes de avaliatividade.
OPOSIÇÃO	Fase que cria oposição com referência a fases anteriores por meio de escolhas opostas de avaliatividade.
TRANSFORMAÇÃO	Fase que cria mudança de significado com referência a fases anteriores por meio de mudança nas escolhas de avaliatividade.
AVALIAÇÃO INTERNA	Fase que projeta a visão interna e sentimentos do personagem.
AVALIAÇÃO EXTERNA	Fase que verbaliza a visão e os sentimentos do personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003)

1.6 Fazendo uma leitura relacional

Uma leitura relacional (ou sinótica: leitura do todo, resumido), não é a mesma coisa que uma leitura correta, segundo Maken-Horarik (2003). Há um nível de “jogo” na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Além disso, a principal leitura relacional, que é privilegiada em exames escolares, diferirá de outra em que se faz uma leitura crítica (ROTHERY, 1994; MACKEN-HORARIK, 1996). Evidentemente, uma leitura relacional da narrativa como um todo precisa ser feita por meio de um processamento passo a passo do texto. Uma interpretação bem sucedida, então, depende de duas habilidades:

- (a) uma de processar as palavras do texto dinamicamente; e
- (b) outra de construir a relação semântica de cada fase com outra.

Numa perspectiva sinótica de retrovisão, os leitores reconhecerão que algumas fases confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam o significado avaliativo de fases anteriores.

Há na narrativa uma distinção entre a relação escritor-leitor estabelecida *pelo* texto e as relações personagem-personagem *no* texto, continua a autora. As vozes e avaliações tecidas na narrativa são todas sujeitas ao ambiente condicionador da semiosis da narrativa que os anima.

Muitos teóricos da narrativa chamaram atenção para a hierarquia de discursos que operam nos textos escritos bem como para a necessidade de distingui-los na análise do texto. Assim, o ato da narração (também chamado enunciação) precisa ser diferenciado daquilo que é narrado (ou enunciado) (BELSEY, 1980; GENETTE, 1980; BAL, 1985; TOOLAN, 1988 apud MACKEN-HORARIK, 2003). Um recente trabalho de Cortazzi e Lixian Jin (2000) destaca a importância de estar atento a vários níveis e contextos de avaliação textual. Até mesmo narrativas que parecem ratificar as escolhas de personagens específicos relativizarão essas escolhas, simplesmente devido ao fato de serem vozeadas. O autor “fala ao” leitor por meio de ventriloquismo semiótico garantindo que, mesmo que muitas vozes possam ser ouvidas, poucas serão sancionadas.

Voltando à questão dos *tokens* – avaliatividade implícita – a análise mostra que esse recurso marca em geral o uso da ironia. O autor do texto em lugar de dizer

diretamente seu posicionamento, o que pode provocar a ameaça à face do interlocutor, prefere utilizar-se da ironia, uma figura de linguagem utilizada para expressar ideia contrária daquilo que se gostaria de dizer ou daquilo que se pensa.

1.7 Ironia

Ironia é uma palavra de origem grega “*eironeia*”, que quer dizer disfarçar, mascarar. Pode significar também chacota, zombaria, deboche, escárnio e sarcasmo. A ironia, para ser utilizada de forma mais gentil, deve ser cuidadosamente elaborada, com jogos de palavras que não deixem transparecer a real intenção do interlocutor. A intenção subjacente ao uso da ironia pode ser também a de despertar e de estimular o raciocínio do interlocutor, fazendo-o considerar os vários sentidos da palavra ou da expressão usadas.

A noção de ironia tem contribuído para superar o fato observado por alguns linguistas de que a dissensão social é em geral articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante. Daí a dificuldade fundamental de achar uma nova linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente.

O que dá à ironia seu potencial subversivo, explica El Refaie (2005), é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

Clift (1999, p. 523) afirma que o escopo restrito da maioria das abordagens correntes tem produzido teorias que são “ao mesmo tempo estreitas demais para revelar o que seja a ironia, e amplas demais para iluminar o que a ironia faz”. De acordo com Clift, a compreensão da ironia envolve a percepção de dois aspectos do significado ao mesmo tempo. Ela adota a distinção de Goffman (1974) entre “animador”, a pessoa que articula um enunciado, seu “autor”, a pessoa que o compõe, e seu “principal”, aquele que está comprometido com a proposição

expressa no enunciado. A ironia, ela diz, emerge da manipulação deliberada dessas distinções – uma ‘mudança de *footing*’ – pelo ironizador.

Sinalizando um *frame*⁶ distante sobre o que é expresso, torna-se possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre, continua Clift. A ironia, assim como o humor, apresenta-nos uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser.

A principal vantagem da abordagem de Clift é que ela é capaz de tratar de várias formas de ironia verbal e situacional, tanto para a expressão de ironia verbal quanto para a visual, diz El Refaie.

A meta do enquadre irônico de um significado é, geralmente, a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é irônica. Como Booth (1974, p.13) mostra, o que é surpreendente na ironia “não é que ela deveria ser mal-sucedida como frequentemente acontece, mas que ela deveria ser sempre bem-sucedida”.

1.8 Trabalho de face: Polidez

A teoria da polidez, de Brown e Levinson (1987), está relacionada a princípios que regem a interação verbal e consiste na posição tomada pelo falante em relação (i) ao seu interlocutor e (ii) ao conteúdo proposicional do ato de fala que profere. Ela está pressuposta em todas as sociedades, não importando as variações de interpretação a ela dadas nos grupos e nas diferentes situações.

Uma das atrações do modelo de Brown e Levinson é o fato de os autores associarem o Princípio da Polidez à noção de face e trabalho de face desenvolvida por Goffman (1967). Face, de acordo com Goffman, é a exposição pública do *self*,

⁶ Minsky (1977, pp. 355): *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

imagem pública que qualquer indivíduo quer preservar na interação e, trabalho de face refere-se às comunicações designadas para criar, apoiar ou desafiar essa face. Brown e Levinson definem a noção de “face” e as de “face positiva” e “face negativa” (p.61):

<p>FACE é a imagem pública que qualquer membro quer reivindicar para si, e que consiste de dois aspectos relacionados</p>
<p>(a) Face negativa: a reivindicação básica de território, de resguardo pessoal, de direitos de não ser perturbado – i.e., de liberdade de ação e de liberdade em relação à imposição.</p>
<p>(b) Face positiva: a própria imagem ou ‘personalidade’ consistente positiva (incluindo, em especial, o desejo de que esta imagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interlocutores.</p>

A face é considerada frágil e sujeita a contínua ameaça durante a interação social. No modelo de P.Brown e Levinson, os atos verbais podem ameaçar a face positiva e/ou a face negativa do falante e/ou do ouvinte. Um pedido, por exemplo, ameaça a face negativa do ouvinte (i.e., força-o a fazer algo); desacordos ameaçam a face positiva do ouvinte.

Mas, se quisermos seguir o que a gramática estabelece, um pedido deveria ser realizado com o verbo na forma imperativa (i.e.: *Abra a porta!*). Porém, embora essa forma seja clara e não ambígua, ela ameaça a face negativa do ouvinte, e, por isso, os pedidos são, em geral, realizados de maneira indireta, como, por exemplo, por meio de pergunta (i.e.: *Daria para você abrir a porta?*).

Vemos, assim, que a interação social apresenta um dilema para os interlocutores. De um lado, as pessoas são motivadas a manter sua face positiva ou sua face negativa. De outro lado elas precisam realizar atos que ameaçam essas motivações. Como, então, podemos enfrentar esse dilema?

As realizações linguísticas de estratégias implícitas incluem metáfora, ironia, perguntas retóricas, subentendidos, tautologias, e todos os tipos de pistas em

relação ao que o falante espera ou quer comunicar, sem fazê-lo diretamente, com a finalidade de tornar o significado negociável, como é o caso da polidez.

1.9 Inferência

A compreensão de um texto escrito é uma habilidade complexa que os leitores acreditam ser automática. Porém, dizem Marmolejo-Ramos et al (2009), para compreender mesmo um texto muito simples, os leitores precisam envolver-se em processos intrincados, tais como, reconhecimento dos traços ortográficos, acesso lexical, armazenamento e busca mental, integração, atualização, etc. O que é mais impressionante e que, em geral, não é entendido, é que as palavras da página fornecem meramente a estrutura para o significado do texto.

De fato, ao analisarem as unidades significativas presentes no texto, os leitores encontram, em geral, um conjunto de declarações incoerentes e inconsistentes. Sem a ativação do conhecimento prévio do leitor, quase todo texto seria incompreensível. Assim, o significado de um texto não está nas palavras e frases do texto, mas, antes, desenvolve-se por meio do processo interativo entre leitor e o texto.

Na compreensão de um texto, aceita-se em geral que os leitores formem uma representação mental (ou um modelo mental) do texto que é composto por vários níveis. No nível superficial por um curto de tempo, representam-se as palavras exatas e a sintaxe; no nível do texto/base, incluem-se proposições explícita e elementos necessários para a coesão textual; no nível final, o nível situacional, aqui discutido, inclui a situação que é expressa pelas palavras e as sentenças do texto.

Esse nível de representação inclui informação sobre as pessoas, contexto, ações e eventos ou descritos explicitamente ou implícitos no texto. Especialmente relevante é o fato de que os leitores representam mentalmente a informação que não é mencionada explicitamente no texto, mas derivada principalmente pelo processo da *construção da inferência*.

Um importante aspecto da construção da inferência relaciona-se com o fato de que os leitores combinam fontes diferentes de informação para construir um modelo da situação. Os leitores ativam o conhecimento adquirido previamente que está estocado na memória de longo-termo e combinam-no com a informação

explicitamente mencionada no texto. Importante é o fato de que os leitores vão além dos meros processos linguísticos para compreender um texto. Por exemplo, da sentença “Retiramos algumas cervejas do porta-malas do carro. A cerveja estava quente” (de HAVILAND; CLARK, 1974), os leitores podem inferir que “era um dia quente de verão”. Essa informação deriva da informação fornecida no texto, bem como do conhecimento comum sobre o que acontece quando se deixa um carro ao sol. A segunda informação não é apresentada no texto, mas a combinação da informação do texto e do conhecimento previamente adquirido capacita os leitores a formar um modelo mental da situação e conseqüentemente compreender o texto.

Muitas pesquisas têm investigado a geração de inferências em diferentes momentos do processo de compreensão, principalmente no curso da compreensão textual (i.e., enquanto se lê). Assim, os pesquisadores têm distinguido as inferências *off-line* e *on-line*. Inferências *off-line* são feitas na recuperação, i.e., após a leitura, enquanto as inferências *on-line* são feitas durante a compreensão, i.e., enquanto leem (GRAESSER et al, 1994).

A seguir, o Quadro 7 traz os títulos das teorias até aqui apresentadas:

Quadro 7 – As Teorias

Linguística Sistemico-Funcional
Registro Avaliatividade e Modalidade Metarelacões
Linguística Crítica
Ironia Polidez Inferência

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso, uma pesquisa que examina uma unidade, no caso, a avaliação discursiva presente em um conto, e cujos limites são esclarecidos em termos de resposta a perguntas feitas, de fontes de dados usadas, além do contexto envolvido (HOLLOWAY, 1997). A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), que possibilita relacionar as escolhas léxico-gramaticais do texto à estrutura da ideologia e das relações de poder do discurso. Passo a tratar dos dados que envolvem o conto *Negrinha*.

2.1 Dados

O corpus de análise dessa dissertação é um conto, uma narrativa curta que, segundo Moisés (2012), adquire esse formato que hoje conhecemos, e sua legitimação no início do século XIX, conforme seu entendimento, a seguir:

Com a entrada do século XIX, o conto vive uma época de esplendor. Além de tornar-se “forma artística”, ao lado das demais até então consideradas, acima de tudo, poéticas, passa a ser largamente cultivado; abandona o estágio de “formas simples”, paredes-meias com o folclore e o mito, para ingressar numa fase que se torna estrito produto literário. (...) A publicação de obras do gênero cresce na segunda metade do século XIX: instala-se o reinado do conto, a dividir a praça com o romance. (...) O conto é, do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance. (MOISÉS, 2012, p.263)

Considerando o conto “a matriz da novela e do romance”, Moisés define-o, em termos de enredo, como sendo uma “célula dramática” que apresenta uma só ação, para ele o conto “constitui o recorte da fração decisiva e a mais relevante, do prisma dramático”. Vejamos assim a “célula dramática” do conto em questão.

O conto *Negrinha* (Anexo1) foi escrito por Monteiro Lobato, um dos nomes mais importantes do conto brasileiro, em especial do conto de temática regionalista do Vale do Paraíba, em São Paulo. Com a sua literatura, Lobato aponta as

transformações da sociedade brasileira, urbana e rural, do início do século XX, denunciando a situação de marginalidade dos pobres e ex-escravos em um país que, embora se quisesse moderno, ainda sofria com as consequências da escravidão.

Em *Negrinha*, a narrativa que dá nome ao seu terceiro livro de contos, lançado em 1920, a “célula dramática” narra a violência da ex-senhora de escravos, dona Inácia, contra Negrinha, criança de mãe escrava que “órfã aos quatro anos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés”, porém a dor maior que a leva a morte não veio dos maus tratos de físicos, mas sim da consciência de desigualdade da sua condição, que foi despertada após a visita das sobrinhas de dona Inácia, crianças brancas que tinham boneca e podiam brincar: “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma”. A dor foi tão grande que levou Negrinha à morte. “Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha”, que acabou por morrer de tristeza ...”. Bosi (1994) afirma que o conto é um documento social que vem acompanhado do costumeiro sentimento polêmico do autor.

O conto *Negrinha* pode, assim, ser dividido em três partes: (a) início da narrativa; (b) chegada das sobrinhas de dona Inácia; (c) partida das sobrinhas de dona Inácia.

2.2 Procedimentos de Análise

Para a análise, selecionei o conto *Negrinha* que está presente na obra *Monteiro Lobato contos completos*, uma edição de 2014 da editora Biblioteca Azul. Essa análise segue os seguintes itens:

- (a) Apresentação do conto, na íntegra, para garantir a questão do contexto situacional em que se encontram os trechos que analisados (conforme Anexo 1), cuja seleção será feita de acordo com critérios específicos para cada caso.

- (b) Os trechos não analisados permanecem para servir de cotexto ao trecho em foco.
- (c) Análise do contexto situacional - o registro - para evitar a subjetividade da análise (GOATLY, 1997).
- (d) Cada trecho selecionado será examinado por meio da análise das metafunções (logo abaixo do trecho analisado), com enfoque na avaliatividade da metafunção interpessoal (na linha seguinte).
- (e) A análise em (a) será seguida, para cada trecho, de uma *Interpretação* em que se tratará das metarrelações, tendo em vista a questão da empatia e do discernimento ético que emergem das escolhas léxico-gramaticais feitas no texto.
- (f) Codificação: O processo será indicado por maiúsculas. Os participantes e as circunstâncias serão sublinhados. A avaliatividade será marcada em negrito e assim especificada: (+) se positiva, e (-), se negativa. E com (↑) e (↓), se a graduação for aumentada ou diminuída, respectivamente.

Vale observar que a compreensão na leitura de texto escrito acontece com base na interação entre o texto e o leitor. Ocorre que a maioria dos textos é, geralmente, uma soma de declarações em princípio incoerentes que, se não contar com a ativação do *frame* – conhecimento de mundo do leitor -, a maioria dos textos seria incompreensível (MARMOLEJO-RAOS et al, 2009). Nesse sentido, a seleção que fiz dos trechos a seguir analisados dependeu desse meu conhecimento; outros leitores poderiam selecionar outros trechos.

Apresento um exemplo de como será feita a análise nos termos de a~c, no trecho a seguir: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.”

[ela]	NASCERA	<u>na senzala</u> ,	de <u>mãe escrava</u> ,	e seus primeiros anos de vida,
Existente	Existencial	Circunstância		
		Apreciação (-)	Avaliação Social (-)	

VIVERA	-os	<u>pelos cantos escuros da cozinha,</u>
Existencial		Circunstância
	Apreciação (-)	Apreciação (-)
<hr/>		
<u>sobre farrapos de esteira e panos imundos.</u>		
		Circunstância
	Apreciação (-)	Apreciação (-)
<hr/>		
<p>Comentário: Este segmento do parágrafo inicial da narrativa mostra, em termos da metafunção Ideacional, que Negrinha não atua por vontade própria, como mostram os processos Existenciais (ela nasce, ela vive). Quanto à avaliatividade, o retrato do lugar em que passa sua vida, tem apreciação (avaliatividade de atitude sobre coisas) negativa lugares reservados para filhos de escrava (com avaliação social negativa), mesmo depois de abolida a escravidão.</p>		

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Análise de Registro

Analizamos a seguir o contexto situacional ou o registro explicando o campo: assunto tratado no conto, o contexto geral; relações: a descrição dos participantes da narrativa; e modo: a linguagem em que é feita a narrativa. Essa providência, segundo Goatly (1997), pode amenizar a subjetividade da análise.

Campo: O conto, situado no Brasil pós-abolicionista, é destinado a apresentar a violência de dona Inácia (ex-senhora de escravos) contra Negrinha, criança órfã que se tornara agregada na casa da “patroa”.

Relações: A relação é de submissão de Negrinha aos maus tratos e às ordens de dona Inácia, o conto inicia-se com a descrição da violência física, segue com a descrição da violência moral, ocasionada pela visita das sobrinhas da dona Inácia e finaliza com a morte de Negrinha após a partida das sobrinhas de dona Inácia.

Modo: Narração escrita em tom coloquial, descompromissada com a formalidade e próxima do leitor, ela é repleta de polêmica e ironia. Conforme Lajolo (2014), até hoje Monteiro Lobato e sua obra pagam o preço alto de um discurso móvel, dinâmico, tantas vezes incômodo, gerando, inclusive, muita controvérsia em relação à representação do negro em suas narrativas.

Repito a codificação seguida de análise para facilitar o acompanhamento:

Caixa alta: indicação do processo

Sublinhado indica análise da transitividade

Negrito indica análise da avaliatividade.

(+) ou (-) se a avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente;

(↑) ou (↓) se a graduação for para mais ou para menos.

3.2 Análise do conto *Negrinha*

A análise do conto *Negrinha* segue a divisão em três partes, como já foi referido:

- I Início da narrativa
- II Chegada das sobrinhas de dona Inácia
- III Partida das sobrinhas de dona Inácia

3.2.1 *Início da narrativa*

COTEXTO: *Negrinha* era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

[ela] NASCERA na senzala , de mãe escrava , e seus primeiros anos de vida, Existente Existencial Circunstância		
	Apreciação (-)	Avaliação Social (-)
<hr/>		
VIVERA -os pelos cantos escuros da cozinha , Existencial Circunstância		
	Apreciação (-)	Apreciação (-)
<hr/>		
sobre farrapos de esteira e panos imundos . Circunstância		
	Apreciação (-)	Apreciação (-)
<hr/>		
Sempre escondida , que a patroa não GOSTAVA de crianças. Mental		
	Avaliação Social (-)	Julgamento (-)
<hr/>		

Excelente senhora, a patroa. **Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres,**

Julgamento (-) *token*

Julgamento (-) *token*

com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu.

Julgamento (-) *token*

Discussão: Este segmento do parágrafo inicial da narrativa mostra, em termos da metafunção ideacional, que Negrinha não atua por vontade própria, como mostram os processos existenciais (ela NASCE, ela VIVE). Quanto à avaliatividade, o retrato do lugar em que passa sua vida, tem apreciação (avaliatividade de atitude sobre coisas) negativa lugares reservados para filhos de escrava (com avaliação social negativa), mesmo depois de abolida a escravidão.

O retrato de dona Inácia, patroa de Negrinha, é descrito com avaliatividade de atitude apoiado em ironia, ou seja, por *token* de atitude, quando avaliatividades positivas devem ser entendidas como negativas. Há, incluída, aqui, uma crítica à Igreja Católica, que é colocada como mais interessada em bens materiais do que espirituais.

Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.

Viúva <u>sem filhos</u> ,	não a	CALEJARA	<u>o choro da carne de sua carne</u> ,
	Tema	Material	Ator
Julgamento (-) <i>token</i>			
e por isso não	SUPPORTAVA	o choro da carne	alheia.
	Mental	Fenômeno	
Julgamento (-) <i>token</i>			
<p>Discussão: Tudo é motivo para aumentar o sofrimento de Negrinha. Até mesmo o fato de dona Inácia não ter tido filhos faz com que ela tenha menos paciência com figura indefesa da pobre jovem. O exemplo deixa entrever a situação deplorável e injusta que foi imputada aos negros mesmo depois da Lei Áurea, que pretensamente lhes deu liberdade.</p>			

Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, <u>aquele choro</u>	nunca	VINHA	<u>sem razão</u> . [que era]	Fome
Existente		Existencial	Circunstância	Atributo
Apreciação (-)	Graduação (↑)			Avaliação Social (-)

<u>quase sempre</u> ou	<u>frio</u> ,	<u>desse</u> que	ENTANGUEM	<u>pés e mãos</u>
Circunstância	Atributo	Ator	Material	Meta
Apreciação (-)				
<hr/>				
e	fazem-nos	DOER...	Assim	CRESCEU
[causam dor]			Existencial	<u>Negrinha</u>
Apreciação (-)				
<hr/>				
<u>magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados</u>				
Atributo				
Apreciação (-)		Graduação (↑)		
<hr/>				
<u>Órfã</u>	<u>aos quatro anos</u> ,	por ali	FICOU	<u>feito gato sem dono</u> ,
Atributo	Circunstância		Relacional	Atributo
Apreciação (-)	Apreciação (-) <i>token</i>		Apreciação (-)	
<hr/>				
LEVADA	<u>a pontapés</u> .			
Material	Circunstância			
Apreciação (-)				
<hr/>				
<p>Discussão: Por meio de várias avaliatividades de apreciação negativa, que poderia ser ampliada para avaliação social (-), temos o retrato do sofrimento da pessoa Negrinha, experiência que representa a grande maioria dos negros no Brasil nesse período. Assim, a expressão usada por Lobato pode ser estendida para envolver homens e mulheres: “tratados feito gatos sem dono, levados a pontapés”.</p>				

Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

CRUZAVA	os bracinhos	a TREMER ,	sempre com	o susto nos olhos.
Material	Tema	Comportamental		Circunstância
		Afeto (-)		Afeto (-)
E	<u>o tempo</u>	CORRIA.	E o relógio BATIA	<u>uma, duas, três, quatro, cinco</u>
Existente	Existencial		Material	Meta
	Apreciação (-) token			Apreciação (-) token
<u>horas</u> - um cuco	tão engraçadinho!	ERA	<u>seu divertimento</u>	VÊ -lo
	Atributo	Relacional	Atributo	Mental
	Afeto (+)		Afeto (+)	
ABRIR	<u>a janela</u> e	CANTAR	<u>as horas</u>	<u>com a bocarra vermelha,</u>
Material	Meta	Material	Meta	Circunstância
	Afeto (+)	Afeto (+)		
ARRUFANDO	<u>as asas.</u>	SORRIA-se então por dentro,	feliz	<u>um instante.</u>
Material	Meta	Mental	Atributo	Circunstância
	Afeto (+)	Afeto (+)	Afeto (+)	

Discussão: Num mundo em que, para ela, só havia maus tratos e sofrimento, e no qual as horas se arrastavam sem trazer novidades, Negrinha descobre alguns momentos de felicidade – marcados com afeto (+) - quando um cuco engraçadinho sai do engradado do relógio para anunciar as horas. Tão pouco para uma criança!

O trecho não deixa de ser um aviso e um alerta de Lobato para o leitor, e no caso desse autor, para os jovens, no trato com as pessoas em situação de inferioridade. Esse fato lembra as palavras de Macken-Horarik (2003, p. 286), para quem, os livros indicados nas escolas trazem “um tipo especial de instrucionalidade que é sugestiva sem ser abertamente moralizante”.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha	ERA	<u>tatuado de sinais, cicatrizes, vergões.</u>		
Portador	Relacional	Atributo		
Apreciação (-)				
BATIAM	<u>nele</u>	<u>os da casa</u>	<u>todos os dias,</u>	houvesse ou não houvesse
Material	Meta	Ator	Circunstância	Circunstância
Julgamento (-)			Apreciação (-)	Julgamento (-)

motivo.	<u>Sua pobre carne</u>	EXERCIA	<u>para os cascudos, cocres e beliscões</u>		
	Portador	Relacional	Beneficiário		
	Apreciação (-)		Apreciação (-)		
	<u>a mesma atração</u>	que	<u>o ímã</u>	EXERCE	<u>para o aço.</u>
	Atributo		Portador	Relacional	Beneficiário

Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta.

<u>A excelente dona Inácia</u>	ERA	<u>mestre</u>	<u>na arte de</u>	<u>JUDIAR de crianças.</u>	
Portador	Relacional	Atributo	Circunstância	Material	Meta
Julgamento (-) <i>token</i>		Julgamento (-) <i>token</i>		Julgamento (-)	
<p>Discussão: O trecho mostra como era considerado o negro pelo escravagista branco: o negro não é considerado um ser humano – igualado ao branco – mas um objeto, uma coisa a seu serviço.</p> <p>A crítica que cabe aqui é de que os modos cruéis adotados em relação ao negro podem ser graduados em termos avaliativos, procedimento em que dona Inácia “era mestra”, como demonstram as metarrelações que se acumulam ao longo do texto.</p>					

Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polfícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora!	<u>Uma criada nova</u>	FURTARA	do prato de Negrinha	
	Ator	Material	Circunstância	
Julgamento (-)				
— coisa de rir —	<u>um pedacinho de carne</u>	que <u>ela</u>	vinha	GUARDANDO
	Meta	Ator	Finitio	Material
para o fim. <u>A criança</u> não	SOFREOU	a revolta	ATIROU -lhe um dos nomes	
Comportante	Comportamental		Verbal	
Julgamento (-)				
com que a	MIMOSEAVAM	todos os dias. — “ Peste ”?	Espere aí! Você vai	
	Verbal			
Apreciação (-) <i>token</i>		Julgamento (-)		

VER	quem é peste — e foi	CONTAR o caso à patroa.
		Verbal
		Julgamento (-) <i>token</i>
<p>Discussão: Negrinha não tem apoio de ninguém, nem de uma criada, que se suporia mais próxima a ela. Foi roubada, mas não há como se defender e, é cruelmente castigada por dona Inácia. É o retrato fiel do escravo negro, tirado à força de seu solo natal, sem nenhum direito na nova terra, reduzido a nada.</p> <p>Além disso, Negrinha era alvo de “nomes com que a mimoseavam sempre”, xingamentos que não respeitavam sua face, sempre ameaçada negativamente, e que a ela eram dirigidos pois não passava de “um gato sem dono”, “levada a pontapés”, “tatuada de vergões”.</p>		

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só.

Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a <u>virtuosa dama</u> VOLTOU <u>contente da vida</u> para o trono,			
Ator	Material	Atributo	
Julgamento (-) <i>token</i>		Afeto (-) <i>token</i>	
a fim de	RECEBER	<u>o vigário</u>	que CHEGAVA.
Material		Meta	Material
— Ah, monsenhor! Não se pode SER boa nesta vida...			
	Probabilidade	Relacional	Atributo
			Julgamento (-) <i>token</i>
Estou	CRIANDO	<u>aquela pobre órfã,</u>	filha da Cesária —
Material		Meta	
Julgamento (-) <i>token</i>			
mas	que	<u>trabalheira</u>	me DÁ!
		Atributo	Relacional
Apreciação (-)			
<p>Discussão: A realidade que Lobato quer trazer para conscientizar o leitor lança mão de dois recursos: a ironia – realizada por meio de <i>tokens</i> de avaliatividade – o que permite suavizar a dureza das expressões que seria necessária para relatar o sofrimento do escravo; e também das metarrelações</p>			

que alternando, por exemplo, a diferença de tratamento que dona Inácia destina ao mosenhor e à Negrinha, permite entender que essa diferença é deliberada: a menina nada mais que “um saco de pancadas”.

Negrinha, bem como o escravo negro, só conhecem o sofrimento. No caso da menina, isso acontece seja nas mãos de dona Inácia, seja nas mãos de uma criada, revelada pela metarrelação de confirmação.

Para mostrar a falsidade da personalidade de dona Inácia, o autor prefere novamente recorrer à ironia fina, que – ao mesmo tempo em que revela esse traço da pessoa de dona Inácia, assim o faz por meio de escolhas lexicogramaticais que modalizam a descrição.

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora —murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

3.2.2 *Chegada das sobrinhas de dona Inácia*

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as

[elas/sobrinhas]	IRROMPEREM	<u>pela casa</u>	como dois anjos do céu
Existente	Existencial	Circunstância	
	Apreciação (+)		Avaliação Social (+)

alegres (elas), **PULANDO e RINDO com a vivacidade de cachorrinhos novos**

Comportante Comportamental

Apreciação (+)

Apreciação (+)

Discussão: As avaliatividades todas positivas envolvem as sobrinhas de dona Inácia que, sob a ótica de Negrinha, são comparadas a anjos celestiais e a cachorrinhos novos cheios de vida, avaliatividades positivas que formam o pano de fundo para a figura de Negrinha.

A pobrezinha não passa de “peste”, “gato sem dono”, não conhece a alegria que envolve as meninas. O único sentimento de afeto que experienciava na sua solidão infantil, viria talvez do cuco, que cantava as horas.

Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha!	Um <u>cavalo de pau!</u> ...	<u>Negrinha</u>	ARREGALAVA
(é)	Atributo	Ator	Material
Apreciação (+)			
<u>os olhos.</u>	Nunca	IMAGINARA	<u>coisa</u>
Meta	Mod: frequência	Mental	Fenômeno
			assim tão <u>galante.</u>
			Atributo
(↑) Apreciação (+)			
Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? <u>Uma criancinha</u>			
Atributo			
<u>de cabelos amarelos</u> ...	que FALAVA	“mamã”...	que DORMIA...
Atributo	Verbal	Verbiagem	Material
Apreciação (+) <i>token</i>			
<p>Discussão: O encontro de Negrinha com os brinquedos, fato que lhe acontecia pela primeira vez na vida, faz o leitor perceber que há coisas importantes na vida além daquelas que cobrem as necessidades primárias de sobrevivência; e que essas coisas não estavam ao alcance da população escrava.</p> <p>As apreciações positivas revelam o encanto que os brinquedos exercem em sua mente ignorante, mas capaz de entender o que é belo e que tanto bem lhe fez.</p>			

Essa conscientização é o resultado da empatia – impossível não sentir afeto por Negrinha – bem como da percepção ética da injustiça que foi imputada aos negros.

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo.

Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas,

<u>Negrinha</u>	ESQUECEU	<u>o beliscão, o ovo quente, tudo,</u>	
Experienciador	Mental	Fenômeno	
Afeto (-)			
e	APROXIMOU-se	<u>da criatura de louça.</u>	OLHOU-a com
	Material	Meta	Mental
Afeto (-) token			
<u>assombrado encanto,</u>	<u>sem jeito, sem ânimo</u>	de	PEGÁ- <u>la.</u>
	Circunstância		Material Meta
Afeto (-) token			
<p>Discussão: As metarrelações revelam por meio da transformação – mudando as escolhas de avaliatividade - entre negativas e positivas, o modo como em Negrinha se opera a conscientização da diferença entre a sua vida e uma outra vida que é também possível – não para</p>			

os negros, parece dizer Monteiro Lobato.

Este parece ser o momento em que algo se rompe em Negrinha, separando definitivamente o passado, de conformação ao sofrimento, de um outro tempo totalmente indefinido.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível?

(ela)	PEGOU	a boneca.	E muito sem jeito,	
Ator	Material	Meta	Circunstancia	
Apreciação (-)				
como quem	PEGA	<u>o Senhor Menino,</u>	SORRIA	<u>para ela</u>
	Material	Meta	Comportamental	Beneficiário
		Apreciação (+)	Afeto (+)	
e <u>para as meninas</u>	com assustados relanços de olhos		<u>para a porta.</u>	
Beneficiário	Circunstância		Circunstância	
Afeto (-)				

Discussão: Tal é o encantamento de Negrinha diante da boneca que ela – num raro momento – sorri, ato marcado por afeto positivo, avaliação também rara em relação à pobre menina. Em enlevada com toda a situação, mesmo temendo a entrada de dona Inácia no recinto, ela pega a boneca.

Esse primeiro momento de alegria genuína abre para Negrinha um mundo quase celestial – “como pega o Senhor Menino”, oposto do inferno que ela vivenciava todos os dias.

Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

<u>Negrinha</u> ,	coisa humana,	PERCEBEU	<u>nesse dia da boneca</u>
Experenciador		Mental	Circunstância
		Julgamento (+)	

que	TINHA	<u>uma alma.</u>	Divina eclosão!	Surpresa maravilhosa
	Relacional	Atributo	Atributo	Atributo
	Julgamento (+)		Apreciação (+) (↑)	Apreciação (+) (↑)
<hr/>				
do mundo	<u>que</u>	TRAZIA	<u>em si e que</u>	DESABROCHAVA, afinal,
	Existente	Existencial	Circunstância	Existencial
	Apreciação (+)			Julgamento (+)
<hr/>				
como	fulgurante flor de luz.	SENTIU-se	<u>elevada</u>	
	Existente	Mental	Fenômeno	
	Apreciação (+)			
<hr/>				
à altura de	<u>ente humano.</u>	CESSARA	de	SER <u>coisa</u>
	Circunstância	Existencial	Relacional	Atributo
	Apreciação (+)	Julgamento (+)		Julgamento (-)
<hr/>				
— e doravante	SER-lhe-IA	impossível	VIVER	<u>a vida de coisa.</u>
	Relacional		Material	Alcance
	Mod.: Probabilidade (↑)			
<hr/>				
Se não	ERA	<u>coisa!</u>	Se SENTIA!	Se VIBRAVA!
	Relacional	Atributo	Mental	Comportamental
	Apreciação (-)		Afeto (+)	Afeto (+)
<hr/>				
Assim	FOI	e	<u>essa consciência</u>	a MATOU.
	Existencial		Ator	Material
	Julgamento (+)			
<hr/>				

Discussão: As escolhas lexicogramaticais no texto revelam por meio de avaliatividades positivas, além de afetos positivos (“sentia” – “vibrava”) o lado emocional de Negrinha. Ela que sempre fora considerada como sendo uma “coisa”, agora se transforma, se completa como um ser humano.

O negro é um ser humano que, na aparência grotesca de escravo maltratado, esconde um coração capaz de se entusiasmar e de apreciar as coisas belas do mundo. Esta é a mensagem que entrevemos através da figura de Negrinha.

3.2.3 Partidas das sobrinhas de dona Inácia

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

<u>Negrinha</u> , não obstante, CAÍRA <u>numa tristeza infinita</u> .				
Portador		Relacional		Atributo
Afeto (-)				
Mal	COMIA e	PERDERA	<u>a expressão de susto</u>	que TINHA
Material		Existencial	Existente	Relacional
Afeto(-)				

<u>nos olhos.</u>	TRAZIA-os	agora <u>nostálgicos, cismarentos.</u>
Circunstância	Relacional	Atributo
Afeto (-)		
<hr/>		
<u>Aquele dezembro de férias,</u>	<u>luminosa rajada de céu de trevas</u>	
Ator	Apreciação (+)	Apreciação (-)
<hr/>		
adentro	<u>do seu doloroso inferno,</u>	ENVENENARA - <u>a.</u>
	Circunstância	Material Meta
	Apreciação (-)	Julgamento (+) <i>token</i>
<hr/>		
<p>Discussão: Várias avaliatividades de afeto positivos e negativos em processo envolvendo as metarrelações, mostram a capacidade de Negrinha perceber a impossibilidade de conjugar a vida sem sentido, de torturas diárias a que era submetida, com o novo horizonte que começava a vislumbrar.</p> <p>Assim é com todos – negros e bancos. Nenhum ser humano pode sobreviver sem o afeto dos que o cercam, na ausência de laços familiares. No caso de Negrinha, ela é órfã; no caso dos povo negro escravo, a pátria, os familiares, os amigos que ficaram em longínquas terras. Assim, “envenenara” aqui, pode ser entendida como “libertara” -a de uma vida de sofrimentos infindos.</p>		

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

MORREU	<u>na esteirinha rota,</u>	<u>abandonada</u>	<u>de todos,</u>
Existencial	Circunstância	Atributo	Atributo
	Apreciação (-)	Afeto (-)	Julgamento (-)
<hr/>			
como	<u>um gato sem dono.</u>	Jamais,	entretanto, <u>ninguém</u>
	Atributo	Mod: Frequência	Existente
	Apreciação (-)		
<hr/>			
MORREU	<u>com maior beleza.</u>	<u>O delírio</u>	RODEOU- <u>a</u> <u>—,</u>
Existencial	Circunstância	Ator	Material Meta
	Apreciação (+)		
<hr/>			
de	<u>bonecas</u>	<u>todas louras, de olhos azuis.</u>	E de <u>anjos...</u>
	Circunstância	Atributo	Circunstância
	Afeto (+)	Apreciação (+)	Afeto (+)
<hr/>			
E	<u>bonecas e anjos</u>	REMOINHAVAM-	lhe em torno,
	Ator	Material	
	Afeto (+) (↑)		
<hr/>			
<u>numa farândola do céu.</u>	SENTIA-se	<u>agarrada</u>	por
Circunstância	Mental	Atributo	
<hr/>			
<u>aquelas mãozinhas de louça</u>	<u>abraçada,</u>	<u>rodopiada.</u>	
Ator	Atributo	Atributo	
Apreciação (+)	Afeto (+)	Afeto (+)	
<hr/>			

Discussão: Negrinha, finalmente, encontra um mundo que lhe fora negada em vida. Interessante é ver como, mesmo nunca tendo experienciado a beleza, o conforto, abraços, a bonequinha de louça, seu coração abriga também esses valores.

As avaliatividades são agora positivas, contrastando daquelas que denotavam seu sofrimento, em processo de metarrelação, que põe em relevo duas realidades que provavelmente envolveram os escravos negros: sua moradia imunda sem nenhum conforto, invadida por ratos e insetos, comparada ao luxo em que viviam seus senhores imponentes.

Agora, Negrinha tinha muito mais que a riqueza terrena: estava entrando, enfim, em um reino pleno de paz para sempre.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E	<u>de Negrinha</u>	FICARAM	<u>no mundo</u>	apenas	<u>duas impressões.</u>
	Existente*	Existencial	Circunstância		Existente
Mod: Frequência					
*Nota: duas impressões (de Negrinha).					
	<u>Uma cômica,</u>		<u>na memória das meninas ricas.</u>		
	Existente		Circunstância		
	Apreciação (-) token		Avaliação Social (-) token		

— “LEMBRAS- te	<u>daquela bobinha da titia,</u>	que nunca
Mental	Fenômeno	Circunstância
VIRA boneca?”	<u>Outra de saudade,</u>	<u>no nó dos dedos de dona Inácia.</u>
	Existente	Circunstância
	Afeto (-)	
— “Como	ERA	<u>boa</u> para <u>um cocre!...</u> ”
Relacional	Atributo	Meta
	Apreciação (-) <i>token</i>	Julgamento (-)
<p>Discussão: Mas a humanidade não muda, parece nos endereçar Monteiro Lobato. Haverá sempre a discriminação no coração de alguns. A morte de Negrinha nada significou, ou melhor, apenas significou que “algo” divertido e que servia de alvo de cocres não mais existia.</p> <p>Nada mais.</p> <p>Terrível? Coisas do passado? Não!</p> <p>Hoje, em pleno século XXI, continua esse horror, talvez até mais cruel graças a vários artifícios sejam materiais, sejam espirituais que a mente humana conseguiu criar.</p>		

3.3 Discussão geral da análise

O objetivo desta pesquisa é a análise crítica do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, para mostrar, por meio de Negrinha, como as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor para a construção de emoção e de ética denunciam os horrores que os brancos impuseram aos negros, mesmo no período pós-escravidão. Para

tanto, responde às seguintes perguntas: (a) Que escolhas lexicogramaticais mostram a realidade cruel da escravidão negra revelada na relação entre Negrinha e D. Inácia? (b) Como é feita a construção de emoção e de ética por meio da avaliatividade via metarrelações?

Discussão Geral “Início da narrativa”

Este início da narrativa destina-se a apresentar as personagens, a criança Negrinha e a ex-senhora de escravos dona Inácia, Negrinha na figura de oprimida e dona Inácia como opressora. A opressão fica explícita com a enumeração de xingamentos e a descrição detalhada de castigos e maus tratos que a menina recebia de dona Inácia e daqueles com quem ela convivia.

O autor procura, por meio da personagem Negrinha, representar a experiência da grande maioria dos negros no Brasil nesse período no qual, eles viviam em situação deplorável e injusta, mesmo após a abolição da escravidão. Uma contradição à elite brasileira desta época, que no conto é representada pela patroa dona Inácia “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos padres”.

Ao estabelecer a contradição entre as duas personagens, Lobato faz um aviso e um alerta para o leitor, no trato com as pessoas em situação de inferioridade. Esse fato lembra as palavras de Macken-Horarik (2003, p. 286), para quem, os livros indicados nas escolas trazem “um tipo especial de instrucionalidade que é sugestiva sem ser abertamente moralizante”.

O início da narrativa evidencia a condição do negro neste período pós-escravocrata em que o negro não é considerado um ser humano, igualado ao branco, mas um objeto, uma coisa a seu serviço. Um retrato fiel do escravo negro tirado à força do seu solo natal, sem nenhum direito na nova terra, reduzido a nada. A realidade que Lobato quer trazer para conscientizar o leitor lança mão de dois recursos: a ironia – realizada por meio de tokens de avaliatividade – o que permite suavizar a dureza das expressões que seria necessária para relatar o sofrimento do escravo; e também das metarrelações que alternando, por exemplo, a diferença de tratamento que dona Inácia destina ao monsenhor e à Negrinha, permite entender que essa diferença é deliberada: a menina nada mais que “um saco de pancadas”.

Além disso, é impossível ficar indiferente diante da descrição que o autor faz do cruel castigo com o ovo quente, a leitura deste episódio, automaticamente desenvolve a empatia no leitor em relação à Negrinha e traz à tona a reflexão sobre todo sofrimento que os escravos vivenciaram em um passado tão próximo, uma percepção ética da injustiça imputada aos negros.

Discussão Geral “chegada das sobrinhas de dona Inácia”

A segunda parte da narrativa é destinada a relatar o episódio no qual Negrinha descobre o que é brincar com outras crianças e o que é uma boneca, é a partir deste momento que ela toma consciência de que é um ser humano “Divina eclosão! (...) Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa”. Opera-se em Negrinha a conscientização da diferença entre sua vida e uma outra vida que também é possível e assim faz.

O leitor passa a desvendar a alma da personagem, como mostra Lajolo (2014), o ritmo das ações diminui, a ironia e o humor perdem espaço; em lugar disso tem início o aprofundamento da análise da condição da criança e a apresentação de ideias a respeito da infância em sua relação com a fantasia, com as brincadeiras. Isso faz com que o leitor perceba que há coisas importantes na vida, além daquelas que cobrem as necessidades primárias de sobrevivência; e que essas coisas não estavam ao alcance da população escrava.

Aqui, Lobato expõe a desigualdade social entre os brancos e negros por meio das figuras das sobrinhas de dona Inácia e de Negrinha, ao aprofundar-se no sentimento da personagem Negrinha ele faz com que o leitor compreenda que atrás da aparência grotesca de um escravo maltratado esconde-se um ser humano com um coração capaz de se entusiasmar e de apreciar as coisas belas do mundo.

Para Negrinha, “a dura lição da desigualdade humana chicoteou sua alma” havia a menina experimentado um “sofrimento novo”, a angústia moral perante as diferenças entre ela e as sobrinhas de dona Inácia. Diferenças ainda hoje evidentes em nossa sociedade moderna que é pouco permeável à ideia de ter o negro em papel protagonista e que segue reproduzindo estereótipos, colocando o negro em papéis que configuram, quase sempre, subalternidade. A velha dicotomia entre branco dominador e negro dominado.

Discussão Geral “partida das sobrinhas de dona Inácia”

A parte final da narrativa relata a morte de Negrinha como consequência da epifania que ela sofreu ao entrar em contato com as sobrinhas de dona Inácia e a boneca. Com este trágico desfecho o autor chama a atenção do leitor para a gravidade do problema da segregação racial “A terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira”.

O entendimento trazido pelo final do conto é de que todo o sofrimento de Negrinha foi em vão e foi incapaz de comover e transformar a postura de dona Inácia e de suas sobrinhas. Monteiro Lobato parece nos endereçar que a humanidade não muda e que haverá sempre a discriminação no coração de alguns. A morte de Negrinha nada significou, ou melhor, apenas significou que “algo” divertido e que servia de alvo de cocres não mais existia e o autor utiliza a estratégia de fazer com que o leitor verbalize mentalmente o sentimento de deboche das sobrinhas “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca??” e o sentimento de prazer e saudade de dona Inácia “Como era boa para um cocres!... “ para assim aumentar a empatia em relação à Negrinha e a toda população negra que ainda hoje sofre com as desigualdades sociais do nosso país que são fruto do nosso passado escravocrata.

Conforme analisa Lajolo (2014) foi um verdadeiro choque de realidade para o leitor médio brasileiro de 1920 cuja ampla maioria não se assemelhava ao perfil da Negrinha e sim ao perfil da patroa e por isso defende que desmerecer e denunciar a figura de dona Inácia, uma patroa branca, religiosa e rica, foi uma atitude que abalou a estrutura da elite brasileira daquela época que buscava tornar invisível o seu passado bem como a cor social predominante em seu território.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar criticamente o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, para mostrar, por meio da protagonista da narrativa, Negrinha, como as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor para a construção de emoção e de ética denunciam os horrores que os brancos impuseram aos negros, mesmo no período pós-escravidão. Para tanto, contribui nessa análise a presença da avaliatividade - em sua manifestação explícita, bem como implícita - que percorre o texto via metarrelações, revelando a triste situação que já viveu nosso país. Assim, a pesquisa recorre à proposta teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que envolve a teoria da avaliatividade; bem como à linguística crítica.

A pesquisa possibilitou-me refletir sobre muitos conceitos linguísticos, e por meio do contato com a Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística Crítica, pude desenvolver novas estratégias em minha prática docente, como por exemplo, proporcionar aos meus alunos a possibilidade de se tornarem leitores capazes de fazerem interpretações desmistificadas, críticas, interagindo com os textos e reconstruindo significados marcados ideologicamente. A narrativa ensina por meio de dois tipos de subjetividade - intersubjetividade (a capacidade de “sentir com” um personagem) e a supersubjetividade (a capacidade de “supervisionar” um personagem e avaliar eticamente suas ações).

Com relação às perguntas de pesquisa, foram respondidas, como ilustrarei a seguir:

(a) Que escolhas lexicogramaticais mostram a realidade cruel da escravidão negra revelada na relação entre Negrinha e D. Inácia?

O trabalho nos revela como a Linguística Sistêmico-Funcional nos auxilia a compreender a realidade que corre na subjacência do texto, além de revelar a ideologia de Monteiro Lobato. O sistema da transitividade, que apoia a metafunção ideacional e as escolhas lexicogramaticais, constroem significados plenos de discriminação sociorracial, de determinismo (tão em voga na estética naturalista e, ainda presente, na literatura pré-modernista), colocados no texto como forças

insuperáveis por Negrinha, levando-a à morte, o único caminho possível para transcender sua realidade social em um Brasil pós escravocrata.

b) Como é feita a construção de emoção e de ética por meio da avaliatividade via metarrelações?

Várias avaliatividades de afeto positivos e negativos em processo envolvendo as metarrelações, revelam o lado emocional de Negrinha e mostram a capacidade que ela possui de perceber a impossibilidade de conjugar a vida sem sentido, de torturas diárias a que era submetida, com o novo horizonte que começava a vislumbrar ao tomar consciência da sua existência. Uma menina órfã, esquecida “pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida” a verdadeira representação de todo o povo negro brasileiro, que ao ser escravizado pelos brancos ficou na mesma situação e ainda hoje luta contra a política de exclusão em nossa sociedade e contra o apagamento sistemático e sistêmico da cultura e identidade negras.

Por fim, gostaria de destacar que se preconceitos existem na literatura de Monteiro Lobato, e se hoje ele é considerado polêmico e vem sendo alvo de críticas pelos leitores do novo milênio, foi por ele ter sido um fiel reflexo do seu tempo e da sua sociedade. Impossível mensurar o quanto foi enriquecedor para mim, como professora e como leitora, utilizar a obra lobatiana na confluência de passado e presente para a conscientização de realidades essenciais da nossa sociedade. Não podemos negar a importância de preservar a nossa história e a nossa memória para desenvolver a empatia ao próximo e repetindo as palavras de Gilberto Freire eu encerro minhas considerações “A figura de Monteiro Lobato há de guardá-la não apenas a história literária do Brasil, mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira: aquela história que às vezes é escrita com sangue.”.

REFERÊNCIAS

- BAL, M. *Narratology: introduction to the Theory of Narrative*. Toronto: University of Toronto Press, 1985.
- BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- _____. The problem of speech. In: EMERSON, C.; HOLQUIST M. (org.) *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BELSEY, C. *A prática crítica*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1980.
- BOOTH, W. *The rhetoric of fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- _____. *A rhetoric of irony*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRASIL, F. P. A discriminação em Clara dos Anjos, de Lima Barreto, à luz da avaliatividade: uma perspectiva sistêmico-funcional. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2012.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTT, D. Randomness, order and the latent patterning of texts. In: BIRCH, D.; O'TOOLE, M. (org.) *Functions of style*. Londres/Nova York: Pinter Publishers, 1988.
- _____. Some basic tools in a linguistic approach to personality. In: CHRISTIE, F. (org.) *Literacy in social processes*. Darwin: Northern Territory University, 1991.
- CAMERON, D. *Feminism and linguistic theory*. Londres: Macmillan, 1985.
- CLIFT, R. Irony in conversation. *Language in society*, 28.4, 1999, p. 523-553.
- CHATMAN, S. *Story and discourse*. Nova York: Cornell University Press, 1978.
- CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato, vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1956.
- CORTAZZI, M.; JIN, L. Evaluating evaluation in narrative. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in text authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CRANNY-FRANCIS, A. *Feminism figure: feminism uses of generic fiction*. Nova York: St. Martin Press, 1990.

CALDAS-COULTHARD, C. R. Man in the news: the misrepresentation of women speaking in news-as-narrative discourse. In: MILLS, S. (org.) *Language and Gender*. Londres: Routledge, 1995.

COULTHARD, M. *An introduction to discourse analysis*. Londres: Longmann, 1996.

ECO, U. *Six walks in the fictional woods*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres: Bloombury Academy, 1994.

EL REFAIE, E. Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics*, 37.6, 2005, p. 781-797.

FAIRCLOUGH, N. Making text talk. *Theory into Practice*, 28.2, 1989, p. 136-141.

_____. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 1992.

FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. Language and control. Londres: Routledge, 1979.

_____. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

GENETTE, G. *Narrative discourse: an essay in method*. Nova York: Cornell University Press, 1980.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on Face-to-Face Behavior*. Nova York: Doubleday Anchor, 1967.

_____. *Frame analysis*. Nova York: Harper & Row, 1974.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. Nova York: Routledge, 1997.

GRAESSER, A. C.; SINGER, M; TRABASSO, T. Construction inferences during narrative text comprehension. *Psychological Review*, 101.3, 1994, p. 371-395.

HALLIDAY, M.A. K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

_____. Linguistic perspectives on literacy: a systemic-functional approach. In:

CHRISTIE, F. (org.) *Literacy in social processes*: paper from the Inaugural Australian Systemic Linguistic Conference, Deakin University, Jan. 1990.

_____. The act of meaning. In: ALATIS, J. E. (org.) *Language, communication and social meaning*. Washington D. C.: Georgetown University, 1993.

_____. *An introduction to Systemic Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

_____; MATTHIESSEN, M. I. M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. Londres/Nova York: Cassell, 1999.

_____; MATTHIESSEN, M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

HAVILAND, S. E. What's news? Acquiring new information as a process in comprehension. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13.5, 1974, p. 512-521.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HOLLOWAY, I. *Basic concepts for qualitative research*. Oxford: Blackwell Science, 1997.

KRESS, G. R.; Hodge, R. *Language as ideology*. Londres, Routledge, 1979.

_____.; THREADGOLD, T. Toward a social theory of genre. *Southern Review*, 21.3, 1988, p. 215-430.

_____. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LEMKE, J. Social semiotics: a new model for literacy education. In: BLOOME, D. (org.) *Classrooms and literacy*. Norwood: Ablex Publishing, 1989.

_____. Interpersonal meaning in discourse: value orientations. In: DAVIES, M.; RAVELLI, L. (org.) *Advances in Systemic Linguistics: recent theory and practice*. Londres: Pinter, 1992.

_____. Resources for attitudinal meaning: Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 5.1, p.33-56, 1998.

LI, J. Transitivity and Lexical Cohesion: Press Representations of a Political Disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12, p. 3444-3458, 2010.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, M. *Monteiro Lobato contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MACKEN-HORARIK, M. *Construing the invisible: specialized literacy in junior secondary English*. Sidnei: University of Sydney Press, 1996.

_____. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text*, 23.2, 2003, p. 285-312.

MARTIN, J. R. *English Text*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. (org.) *Evaluation in text – Authorial and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. Introduction. *Text*, 23.2, 2003, p. 3-39.

_____.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

MARMOLEJO-RAMOS, F. Nuevos avances en el estudio científico de la comprensión de textos. *International Journal of Psychology*, 2009, 1.2, p. 41-52.

MINSKY, M. A Theory of Systemic Fragility. In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (org.) *Financial Crises: Institutions and Markets in a Fragile Environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

MOISÉS, M. *A criação literária poesia e prosa*. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEFUSCO, R. M. *A crítica social em Capitães de Areia: um enfoque da gramática sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2015.

MONTINEGRO, M. S. S. *A “Missa do Galo”, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita sob o enfoque da LSF*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2018.

MORLEY, D. The nationwide audience: structure and decoding. *Television Monograph*, v. 11, 1980, p. 154-179.

PÊCHEUX, M. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas, Pontes, 1982.

SANTOS, V. A. M. *O processo de simbiose entre Dom Quixote e Sancho Pança sob a ótica crítica da Linguística Sistêmico-Funcional*. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2017.

SCANNELL, P. Media – language – world. In: BELL, A.; GARRETT, P. (org.) *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

SULEIMAN, S. R.; CROSMAN, I. (org.) *The reader in the text: essays on audience and interpretation*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

RESENDE, B. Introdução. In: LOBATO, M. *Monteiro Lobato contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

ROTHERY, J.; MARTIN, J. R. *Writing project report*. Sidnei: University of Sydney Press, 1994.

THIBAUT, P. J. Semantic variation, social heteroglossia, intertextuality: thematic and axiological meaning in spoken discourse. *Critical Studies*, 2.1, 1989, p. 181-209.

_____. *Social semiotic as praxis: Text, Social Meaning Making and Nabokov's 'Ada'*, Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1991.

THOMPSON, G. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (org) *Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English*. Amsterdã: John Benjamins, 1998.

VALLEZI, S. S. Ameaça em O Ateneu, de Raul Pompéia: um enfoque da gramática sistêmico-funcional. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2014.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, 23.3, 2003, p. 259-284.

ANEXO 1

Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mão da criminoso abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora —murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão,o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”